

prosa

UM DIA NA TERRA DOS MORTOS

Sergio Schargel

QUANTO TEMPO já faz? Dez anos? Cinco? No inferno o tempo não faz diferença. É como se não existisse. O inferno prova que o tempo é mesmo uma abstração humana. Não há tempo sem o humano. Mais do que isso, o tempo depende do contato com outros seres humanos. Você acha que Prometeu sentiu o tempo até o fim do tempo? E como eu sou o único humano por aqui, não há tempo. Há apenas o pior dos males humanos. Quem disse que a tristeza é o que há de pior nunca experimentou o tédio. Tanto pior quando ambos se amalgamam, formando melancolia.

Quantos já se foram? Quantos amigos, colegas, familiares, conhecidos me abandonaram nesse miasma metódico? Eles me largaram, me esqueceram. Alguns deles até chamam, bradam “venha, venha, vamos morrer?” e eu digo, “olha, hoje não. Morrer agora seria desagradável, quem sabe amanhã? Se você tivesse chegado há alguns anos atrás não seria tão ruim, mas hoje não.” Eles riem, desdenham, eu rio, desdenho, e nunca mais vejo a maioria, exceto alguns poucos que voltam para me assombrar.

As compras chegam a cada dois meses, é quando eu tenho o pináculo do meu contato humano. Separados por uma porta trancada, converso um pouco com o entregador. Mas meu cachorro late muito, o enerva qualquer presença que não a minha. Eu o entendo, é claro, também me enerva qualquer presença que

não a dele. Mas a porta mágica me salva dessa agonia. Permite-me ouvir uma voz sem sentir aquelas gotas d'água desagradáveis. Ele me contou da última vez que terminou com a namorada. Tenho quase certeza que antes eu também tive uma. Lembro-me disso. Em algum momento. Ela ainda deve estar viva, pois não está na lista dos corpos.

Minha primeira ação quando a pandemia terminar será enterrar os meus mortos. Se ela terminar. Claro que eles já estão enterrados fisicamente, mas eu não os enterrei. Vivo sobre uma pilha de mortos figurados, e o cheiro putrefato me impede até de dormir. A cerveja agora tem gosto de borracha. Converso todo dia com os meus fantasmas, eles me perguntam se já chegou o tempo do enterro e eu compartilho minha tese de que o tempo é algo que não existe mais. Não estão muito convencidos. Mas sabem que não podem fazer nada, e que eu não posso fazer nada, sem concluir ritos simbólicos que, sem sair de casa, são impossíveis.

Eu olho para o meu cachorro, meu cachorro sorri para mim, eu bebo um gole de cerveja-de-borracha e o cachorro fala “nunca mais. Esse é o novo normal.” Eu sorrio de volta para ele e me pergunto se já não morri e estou mesmo no inferno.

SERGIO SCHARGEL

Doutorando em Letras pela USP. Sua pesquisa e produção artística são focadas na relação entre literatura e política, tangenciando temas como teoria política, literatura política, pós-memória, antissemitismo e a obra de Sylvia Serafim Thibau. Contato: sergioschargel_maia@hotmail.com / sergioschargel@gmail.com.